



A MIRAGEM

Ricardo José de Souza Almeida

e OS ARGOS



MOVIMENTO

A miragem e os argos

Ricardo Almeida



Índice

A gema	5	Elegia urbana	39
À mão livre	6	Elo	40
Ainda que baste.....	7	Escrita	41
A teia	8	Escrituras.....	42
A visita	10	Este rio	43
Alto risco.....	12	Estrangeiro	44
Ando desarrumado	13	Gesto	45
Anos depois.....	14	Imprópria tortura	46
Aramado efêmero.....	16	Inquietude	47
Artéria do morro	18	Instante.....	48
As águas fugidias	19	Luz rara	49
As horas refletidas.....	20	Mito.....	50
Axioma.....	21	Meu nome	52
As vinhas.....	22	Musa difícil	53
Bagagem	24	Mutilação	54
Banais.....	26	Na fonte pretérita	55
Clamor.....	27	No cristal da tarde	56
Canto desencontrado.....	28	No tablado da noite	58
Companhia	30	Noite metropolitana	59
De uma cena do cotidiano.....	31	Notívago.....	60
Dama das minhas noites.....	32	Num espelho árcade.....	61
Deixa a mão da mágoa.....	34	O amor e sua arquitetura.....	62
Dísparos.....	35	O argumento.....	63
Dízimo das horas.....	36	O ciclo do sonho	64
Despedida.....	38	O conteúdo humano	65

O fio da vida.....	68	Resquício.....	81
O poema ao vento	69	Revés.....	82
O poeta e seu ofício.....	70	Sacramento.....	83
O tempo certo.....	71	Sacrifício	84
Palavras	72	Se o mundo é um novelo.....	85
Paradoxo	73	Sentença	86
Perder-te	74	Todas as nuvens	87
Poema à bailarina.....	75	Um delírio campestre.....	88
Poema natural.....	76	Um fogo-fátuo.....	89
Poema para os revolucionários ..	77	Usa tua voz.....	90
Presença	78	Valha-me a luz da insolência.....	92
Quando	79	Viajei a um lugar distante	93
Rebeldia	80		

Agema

O que existe
entre o meu cérebro e o teu
é amor.

Louvemos a magna construção
que rege a dor e o senso
às lavandas do prazer e do afeto.

O que existe
entre o cérebro teu e o meu
é amor.

O sentido não se estende todo
aos animais:
é humano o amor
e mais, são impulsos cerebrais.

“Ser ou não ser”, sim ou não,
tudo se resume em opção do amor
encefálico, elétrico, metálico.

Fale-se de razão ou sentimento,
o cérebro é noção e centro do ser.
Como sempre,
através dele a espécie vive e sente.

À mão livre

Aos poetas incipientes
Goza da liberdade,
nada tens, tudo pode dar-se a ti.
O papel sem nome é teu espaço
infinito e sem prefixos.

Goza o que não pode mais sentir
o poeta institucional, duro e sisudo,
ele já não escreve, normatiza.
Ó meu poeta incipiente,
arrisca, sempre, o voo mais alto,
sonha com as uvas do topo.

A poesia apenas se insinua,
o que se colhe são reflexos
na água impura das palavras.

Goza o prazer de um verso errado.
Só tu, anjo sem rota e às tontas,
sabes tocar, na lira dasafinada,
a deliciosa ária da imperfeição.

Ainda que baste

Ainda que baste a imagem,
e o pensar que a compõe,

cavo dentro e além dos espelhos,
além da cortina das miragens.

Ao transpassá-las,
busco o pensamento sem imagem.

Quero-o tão puro - quase um sentimento -
a ponto de querê-lo no escuro

dos olhos que beijam.

A teia

Menos intelectual do que antes,
ela crava a unha para assistir ao sangue
macular a pele de marfim
da inocente pupila, recostada à teia.

Parvo, demoro em socorrer a jovem,
o veneno a faz presa inconteste
na rede laboriosa.
Entre ambas, entorpecido, vejo e consinto.

Lembro Delfina e Hipólita, Baudelaire.
Minha deusa sorve a alma juvenil
da ninfeta que me namora.
A mosca na teia, não ousou livrar.

Sagaz, envolve-me e a envolve.
Como interferir em plástica tão bela?
Cabelos longos, nuas, duas cascatas
de cores diversas, na fonte que as une.

Atrai-me para que eu também ame
aconchegado à requintada arquitetura.
Bebamos do amor, no leito, os três
a cultivar, sedentos, o êxtase!

Na atmosfera viril e meiga
que só as mulheres entendem
Afrodite se ilumina
para exaltar o amor das belas.

Elas, que sem mim não se amariam,
através do meu arrimo se possuem.
Já em separado, antes, as amei.
Agora juntas, em meu corpo são a lei.

A visita

Vim ao cemitério neste dia de finados
conversar com os mortos,
ouvi-los
no palato do vento, na língua dos ciprestes.

Mas há muita carne viva
empestando a comunicação
venda de flores, isqueiros, cuias,
animados mamutes de longo sabre a desfilar.

É a festa dos vivos.
Miríades ruidosas de perucas louras e escuras
tangem as sepulturas,
nadam no raso das campas.

Longas romarias
que não cruzam os cinco centímetros
do mármore,
não colhem os suores da digestão do tempo.

De uma galeria, angustiado pela desatenção
um morto me confessa:
a lição nunca é aprendida,
por mais que se morra.

Diz mais:
estrangeiro, prepara uma carta de suicida,
faz o testamento dos teus atos,
reescreve as lendas, sem personagens.

Depois,
examina a água da lágrima,
a pele do sorriso,
ancora os sentidos no trole da hiperestesia
e volta para a vida, pela seta dos meus ossos.

Alto risco

Poeta gosta de viver o perigo,
sempre na corda bamba
dançando ao ritmo de sarabanda
e excitando a morte
com movimentos de sedução.

As fatalidades históricas,
as tragédias individuais,
todo o éter e todos os extremos,
os precipícios compulsivos e nevrálgicos,
os impetuosos salvamentos de amor,
o colapso da ordem e da garantia.

Que paixão é esta dos poetas
que de perigo os contamina,
de tensão lhes serve a sina,
e os encontra, por fim,
depois de agreste heroísmo,
na delicadeza do culto feminino?

Ando desarrumado

Ando desarrumado:
casa emprestada,
moeda insuficiente,
poder sem mim,
mundo sem mim.

As coisas minhas
eu obtenho de dentro.

Ah, minhas deusas!
Ando desarrumado,
mas tenho distribuído
música e poesia
às mulheres da minha vida,
sendo este o lar definitivo,
o capital bastante,
o poder comigo,
o mundo em mim.
Porque o que vale fora do venal
não é casa,
não é ouro,
não é poder,
é meu.

O que vale fora do venal,
é a luz
obtida de dentro.

Anos depois

Passados mais de vinte anos
volto à Playa Hermosa.

O casario de “la Playa” se estendeu suave,
o mar é o mesmo,
cansado de bater nos iguais contornos.
Eu serei o mesmo?
O menino que fui
está em meu colo agora,
sonha, talvez, comigo.
Por quantos anos me guardei
para a decepção ou a certeza?

Estudei o quanto me salvou,
empreendi profissão,
tenho legado algumas obras
ao mundo do meu alcance,
nas cordas do meu violão
encontrei estados etéreos,
avalio ter vencido
parte dos embates
na arena de todos os convívios.

Passados mais de vinte anos
volto à Playa Hermosa.
Reencontro o mar, ele continua
seu interminável canto,
claves cristalinas sobre pautas azuis.
Digo ao menino: Ricardo,
retornaste indestrutível,
alma fora do corpo atacado.

A ele, a mim, nos resumo:
a frágua que me alimenta
está protegida pela poesia,
escolhe o nome Vitória para o amor.

Passados vinte anos, retornei
para saudar o reencontro
com as mesmas outras ondas,
com o mesmo outro tempo,
com a imagem sazoadada
que ressuma o igual menino.

Aramado efêmero

Agora tudo imóvel. Tudo vertendo lá.
Paixões desenfreadas, luas em Vênus,
e um instinto de perpetuação da espécie
abusando da perícia.
Meus olhos fitando olhos.
Tudo lá.

Agora este pensamento,
uma invasão, um tempo
derramado noutra hora que o ignora
no fogo azul da hora.

A lembrança de meus olhos noutros olhos
pode restaurar o ocorrido,
a geografia e a sensação,
nunca retraindo o elástico do tempo.

Aqui tudo imóvel, tudo sufocando, pusilânime.
Lá naquele tempo o circuito de hormônios
intumescendo-se, alastrando-se,
musculatura de um felino
liberando os ácidos do pulo.

A anatomia de uma época tem poder sobre a flexão da alma
e sobre o metabolismo do corpo, sombra da alma,
ou vice-versa.
É capaz de trazer numa noite morta
o que fulgurou na vez pretérita.

Ora, exagero!
Perdoem esta ciumeira temporal
este pensamento a regurgitar.
Ciumeira de quem está num outro ponto cardeal
do tempo
pronto a lambar outro mel, outra mistura de ervas raras
e não querendo perder
prazeres adquiridos, bocas de trigo ou anis,
luares em Vênus.

Ciumeira louca pensar que se pode delimitar,
em um só tempo,
uma fazenda no espaço.

Ciumeira louca pensar que se pode delimitar,
para um espaço,
uma fazenda no tempo.

Artéria do morro

Artéria do morro, viela de medo liquefeito,
bala liquefeita, pó de sangue
autopsiado.
Trincheira de quem padece de jejum
forçado.

O discurso do ministro não os compreende.
Eles também não compreendem a ética de frutas maduras
na mesa da política,
a natureza-morta na ante-sala.

Bandoleiros machucam as criaturas da viela.
Nesta a morte não é natureza-morta
é natureza extinta, tinta de inúteis suores.

A miséria é comovente,
mas vivida é desesperadora.
Ainda assim Narciso inspira os diretores da Nação
que estão longe o suficiente do pó que gruda
e embaça o cristal do ânimo.

A rosa do morro não é branca,
é uma rosa tinta de sangue.
Matizada de tanto assistir ao inacreditável.
Condenada a um fio, um fim vermelho.

As águas fugidias

As águas fugidias
(leito aos corpos flutuantes)

incitam a buscar
o que não tem duração.

O que será levado
pelo ombro das cheias.

O que faz pensar
desprendido.

As horas refletidas

Teço uma lágrima,
substância
de sangue processado.

Escorrem
gotas de chuva
no rosto do vidro.

Rabisco
doídos esboços
na intenção
de traços resolvidos.

Sentimentos
se nutrem no silêncio.

Axioma

Ao silêncio, o silêncio.

À voz, a voz.

À vida, a vida.

À morte, a morte.

Os adventos
devem ser dados a si
para que sofram o seu peso.

As vinhas

Neste ambiente solar,
dos cerros desce o ar caudaloso feito rio,
faz meandro entre as videiras,
escorre adocicado e denso.
Há tempo maior aqui
do que o das vinhas amadurecendo?

Se há, deve-se ir ao topo da colina
onde vi a capelinha da menina morta,
uma comoção em meu caminho.

Desde então penso nela
e por ela sou mais doce
enquanto o calor ajusta as uvas.

Quem fora o breve anjo?
Por que partiu assim, tão ligeira?
Imagino que teria tranças e fitas nos cabelos,
e me diria as palavras
que o mundo não esqueceria,
se guardadas dentro de mim.

Ó Menina pousada em meu delírio,
és obra do mormaço
sobre minha alma pálida?
Já nem sei... Existe ou não
a capelinha no alto da colina?
Será esta imagem obra da tontura
pelo vinho licoroso,
ou será o aroma pesado das vinhas
que matiza o devaneio?

Se no alto do cerro há uma cruz,
nela existe um nome.
Um nome, um resumo,
um corpo levado antes do amor,
um pecado para a alma.

Ó meu anjo veloz,
tu que não chegaste a aprender
e a gozar as letras da pele
nem os prazeres que o tempo te daria,
ouve: que os deuses abençoem
tua morte prematura!

Tua espera descobriu-me o caminho!
Não é tarde, vê, para teres o devido:
um passante te ama
sem saber como te foste.
Um passante em luto te imagina.

Bagagem

Vou levando fraturas de poema e uma incerteza,
quadros destes dias de estada.
As músicas que ouvi na vida
me ajudam a viver com acuidade
as trações do que se oferece.

Nesta aldeia rasa de ambições,
onde o sino entoa a quotidiana melancolia
e Tibá ri sem graça,
abri a mina dos pacíficos gestos.

Falei de música, falei de dor.
Desprendeu-se um cílio comovido
pela paz anunciada
que pulveriza o gene das hortaliças.

Aldeia sem erudição, sem aperto nas
vértebras pelos ensandecidos carmas.
O sino é a figura principal,
e o suicídio, antes de ontem, foi por gravidez indesejada.

O silêncio cadenciado nina esse ressalto.
Não existe composição perfeita.
A menina se matou em meio a tanta bonança
quando tinha no ventre a messe.

O sino acalenta as pálpebras tênues.
Nunca houve mal.
Liszt, aos sete anos, quis rasgar os dedos,
a menina rasgou a chama.

A aldeia, nos lábios frugais da seara,
sopra uma oração guarnecida de sinos.

Vou levando fraturas de poema e uma incerteza,
quadros destes dias de estada.
Queimarei o poema na chama rasgada.
Pergunto aos transmutados olhos:
que gás exala dos filhos, herdeiros de si mesmos,
embalados pela paz?

Banaís

Os atos banais vingam
no desmaio da contemplação.
Os gestos débeis
espreitam a palidez da imaginação.
Agentes do apreciar fácil
habitamos a frase desnecessária.
A palavra imediata
deveria calar, mas não cala.

Vivemos a expressão gratuita.

Clamor

Estou desesperado agora,
preciso da beleza a meu lado.
Quero arrumado, quero urgente,
na minha cama, no meu estado,
o esteio da pele ideal, a pele da eleita,
o calor que elegi.
Quero pousar o meu contorno
no contorno que forja
com desespero o instante de calma.
Tantas coisas busco,
mas como essa, nenhuma agora.
Lila, forma de amor exato,
quem chama está para ti.
Vém, salva e apascenta o poeta,
dá-lhe um leito de suficiente flor
para que acalante as imagens,
sinta o complemento da visão,
prepare tudo ao impossível
e conceba a poesia improvável.

Canto desencontrado

Nada faço que conteste o fado:
dia apanho da poesia,
dia vergo seu vime e dou-lhe um beijo na boca.

Desisti de desenvolver poemas,
e deixei que a poesia simplesmente me acerte
com as setas que escolha,
inclusive as tortas, inclusive as errantes.

Descansei os remos e inclinei-me
lentamente para trás:
que o sol me doure a expectativa extenuada,
vou ressurgir em gonzos absurdos.

A montanha me espia e me crê fragílmo.
Sou mesmo incapaz de removê-la,
até o limite em que meu pensamento a sustenha no ar.
Chorará crises de altivez face ao dom do impulso.

O curso das palavras se perde por uma fenda aberta
no leito principal, tornando o canto vário.
Talvez não seja o fim de tudo:
há olhares de amor
dispersos pela Terra.
Esse elo emocional nos eleva e salva.

A poesia se faz Moura-torta e terei de amá-la
sem relaxar.
O céu mira meu canto desencontrado.
Desfecho um grito sem intuito de socorro
para dissolver as moléculas de compaixão
que se agrupavam.

Na luta frente a símbolos e efígies
que nada dão do que são,
devo puxar a próxima carta de esperança.
Sob a prática da loucura,
num vício irreversível,
nada faço que conteste o fado:
dia apanho da poesia,
dia vergo seu vime e dou-lhe um beijo na boca
(num esconderijo escasso, entre o feno e as galáxias).

Companhía

O sol compunha uma sonata
sobre as claves do mar
quando te recebi naquela manhã
trazida no refluxo do pensamento.

O mar! O mar varrido em contramão
após bordar espuma na areia
devolvia à costa
o espaço de seu sacio.

Movimento: mar precipitado ao mar.

Arco de água, setas de sal,
tuas mãos
tensionando as ondas da lembrança.

De uma cena do quotidiano

Bêbados reunidos,
em torno a uma fogueira de jornais,
discutem com fervor
as razões eugênicas da Segunda Guerra.
Entre mau cheiro e realidades desenganadas
vara um facho de lucidez crítica,
atípico a membros de um clã
que não exige credenciais
de quem por desventura se aproxime,
e onde nomes nada significam.
Inflamam renhidas apologias,
ópticas pessoais, ainda que
nenhuma bandeira em questão,
também nenhuma outra qualquer,
desperdice qualquer aceno
na direção desse abscesso,
apêndice social brasileiro.

Dama das minhas noites

Dama das noites
por quem minha saudade é sentinela!
Quando a chamo
me contesta com a voz que lhe resta.

Concluído o sacrifício dos vagantes
pelo mundo ao qual se concilia,
se é mulher, se é geografia,
quem diria! não o diz,
antes da manhã, qualquer vigia.

Dama, bacante,
que aos mergulhos trôpegos se aprecia
a perder-se no rigor das geadas e das pias
crava incerta na nostalgia da pureza
o condão de suas certezas tristes.

A buscarei, mesmo sombria,
para acalentá-la,
artefato de humilhações,
tradução
de um destino invertido
dossel de sacrifícios,
tonta e afeita a qualquer luz.

Arranjo de musa imperfeita,
exílio da limpeza das ruas,
algum dia me dará, quase austera,
a última fonte sincera que defende.

Dama das minhas noites
por quem a saudade é sentinela!
Se em si decanta o ódio e a perversão,
no átrio do meu perdão
haverá sempre renascido
ao dobre perdoado de um sonho perdido.

Deixa a mão da mágoa

Deixa a mão da mágoa
tecer fios envolta em luvas,
alguém viu se é feita só de sangue?
Deixa que examine páginas de tua vida,
que instaure avios,
puxe fibras com dedos suados,
desertos.

Aceita seu tato de veludo,
não apures digitais.

Faze as contas de sua permanência
como farias à mão de reles hóspede
que ao partir deixa eclipse apenas.

Dís pares

Via Láctea do dia, algodão e nuvens,
friso de tules.
Teus olhos recebendo o sol filtrado
pelos vapores da manhã
fecham-se suaves para requinte de teu rosto.

Silêncio! Há fogo na Croácia
e nuvens causadas por abalos.
Estão destruindo água e alimentos em nome do sangue
que só fazem derramar.
Por tantas lágrimas há sal nos oceanos,
não só “Mar Português”, mar do mundo.
Como será disparar um projétil na cara de um homem?

Simbolismo e suas alvuras, recordo,
no que tua pele clara recebe a luz filtrada
sem perigo de ogivas,
no interior pacífico da América.
Possuis uma expressão afeita ao amor
porque tua terra é segura.
Tua pele é seda delicada.

Não há mais pele, só gaze na Sérvia.
E olhos subumanos.

Loteado em terras dís pares
o planeta baila no cosmo
um tanto desapontado,
mas com o garbo de ser, ainda, a única certeza.

Dízimo das horas

Corre por baixo da ponte,
não o rio, e sim o tempo.

(Quintana, por que estamos úmidos
das águas que já passaram?)

Louvo o tempo, é ele
meu maior inimigo.
É quem me envelhece,
seca o humor-aquoso dos meus olhos,
não pactua trégua.

Instaura impérios, os arruína.
Concede a gênese, aniquila sua concessão,
célula em agonia.
Reveste e provê o espaço de coisas,
polpas que desfiguram.
Funde seus arquétipos,
condena aerólitos a comer luz
e regurgitar sombra.

Louvo o tempo, ou melhor,
a falta de tempo.
Ele, esfinge medonha e encantadora,
punge pela negação de si.
Em si viaja,
comendo nossa carne e fragilidade.

Não pede santuários, nem rezas.
Nosso epitélio é seu santuário,
e nosso extermínio
- vide a pompa dos esquifes -
é seu culto.

Apresento-vos o meu Deus:
o Tempo, que criou e matará todos os deuses.

Não é o rio que corre por baixo da ponte.
Sabem os peixes caducos
que se sustentam nos caudais:
dez dízimos são uma execução
sumária,
universo num olho seco.

Despedida

O mar cansado nos espiava
pelo vão do Porto de Montevideú.
O último vinho, a última canção
na voz do vendedor de músicas.

Nem sabíamos! Nem sabíamos
o que se desfaria e já se entremostrava
sublinhado no verso daquele meio-dia.
Na feira de artesãos, o último sonho
de comunhão futura.

Depois, a soleira do paradoro,
a despedida de quem ficava, nossa partida,
o adeus à rambla,
o adeus às imagens ganhas
naqueles dias de estada.
Nem sabíamos que o adeus
também estava entre nós dois.

Na orla que nos divisava
batia o amor cansado,
o mar complacente de quem abandona.
De volta à estrada, o abandono do mar,
o abandono do amor.

Elegia urbana

As luzes estão baças de chuva.
Se estão baças as almas dos homens
só arguindo os seus íntimos
a água se dissipará.

Pontos de fuga na noite borrifada
anestesiaram tristezas.

A beleza do rocío
sobreposto pela chuva
se perde e se resigna.

Existem homens sós
que não se queixam,
enquanto a noite os ignora.
Antes ela os subvertesse,
mas quem pulsa é o vazio.
O vazio que se confunde
às gotas de chuva que choram.

Elo

O vento pende os ramos e o mar elabora
sua canção, que vem de longe espriar-se...
Cantam todas as rochas e areias às águas
que têm na bagagem as distâncias percorridas.

Desfiam-se estáticas nuvens de cobre
perdendo matéria contra o pano azul candente.
Um pássaro ascende ao ar arqueando o último voo,
logo surgirão no breu as primeiras estrelas.

A maresia traz teu semblante de remotas terras.
Quanta beleza não compartilhada, que chaga!
Os elementos velam em mim tua ausência pungente,

mas dos litorais do corpo sou alma sem fronteiras
e busco visitar-te a todo instante, transitando tua alma,
tua carne relembrada, teu mundo longe de mim.

Escrita

Se os olhos
são denúncia,
se não podem iludir em seus verbos,
nem adulteram a escrita do olhar,
viajemos em seu curso.

Mergulhemos em sua verdade,
em sua confissão.

O olhar é a mira do desejo.

Escríturas

Os desenhos no dorso
de uma acha de lenha
são mapas fenícios,
cartas de navegação viking,
portos e mares e povos transidos
de evolução natural.

Ah, deuses analgésicos!
Ah, religião nas lacunas da ciência!
Quem sofismou a nossa gênese?
Seria confortável rasgar as três perguntas...
Perdê-las no exagero do relato.

Ante a nuance dos axiomas,
consola-me uma certeza:
de tudo que se venha a descobrir,
nada será mais do que o amor.

Este rio

Espelho magnético.
Nele, luzes
debruçam sobre a calma.

Morre na cidade
por amor.

Sela a superfície aquosa.

Aceita o corpo
das luzes
na pele de suave hidrogênio.

Estrangeiro

O poeta, degrau intermediário
entre a terra e o céu,
se desdobra em viagens.

Cumpra as formalidades terrenas,
mas não é daqui.

Vai ao céu
pela íris da criação,
mas também não é do céu.

Beija-flor que sonha o pólen,
o poeta é sempre um estrangeiro
para Deus e para o Homem.

Gesto

De como se estende o gesto,
símbolo de humanidade,
menos sabemos, mais receamos,
quando não falta, vem precário.

Os olhos vasculham em vão,
sondando a estrada vazia,
em busca de campana solidária
que possa guiar à companhia.

O afago que viria, a insensatez finou.
No ar o sino da indiferença vibra,
enquanto vidra o amplexo, a par dos comas.

O que há de zodíaco reservado ao gesto,
ao invés de fruta colhida,
é semente calada,
do ser que não acena nem para se salvar.

Improfícua tortura

Podem prender tuas mãos,
inquirir os teus voos,
torturar tua verdade,
na forja que te projeta
assíduo réu da consciência.

As feridas que se intumescem
não alcançam teu fundo:
por mais que te castiguem
tudo se recompõe
em teu peito que ama.

As cordas do tormento são inúteis,
coação alguma
faz represar o pensamento
na erupção do sonhar
a nascente livre da poesia.

Inquietude

O olhar
que transpassa pensativo a vidraça
sabe a paisagem que os pés sonham.

Não pensa entardecer,
só pensa amanhecer.

Tem objetivo largado
entre os renques desconhecidos.

Tem em si o desejo de ir
para onde há sua falta
por aguda falta em si.

Instante

Miravas o infinito com olhos insondáveis.
Fremiam teus cabelos pálidos de luz caída,
gotas de lua em meandros desde os cerros.
Absorto na entrega de ler-te, abri com calma

a palavra na alma contida em terno silo.
Dei-te, ao vitral das frias estrelas do Sul,
o instante compartilhado, a comunhão de nossas vidas,
a solidão calada na mão abrigada em teu corpo.

Do sorriso escapado à dura lágrima minada
nos ferimos cúmplices; o torpor dos resíduos
que tínhamos subcutâneos às peles vividas

(parida ponta de ternura em cada rosto desenhada),
embalava, entre os pinhais, em redes invisíveis,
o amor que improvisamos de plangentes madrigais.

Luz rara

Ao signo que for, ofereço
as imagens irisadas no pensamento,
as músicas, o louvor às musas.
Os disfarces da alma,
a alma sem disfarces,
eu dedico e entrego
ao signo que for,
por um verso de luz rara;
eu estendo a alma, o corpo já é da eterna musa,
anjo infernal.
Qualquer pulso em nome
da poesia e da vida,
ao signo que for, eu ofereço,
desde que vire poema,
caixa de figos e veneno
nas mãos da coragem.

Mito

Aos poucos vai perdendo o rosto,
a deformidade logo atinge o coração.
A pele singela escama e cai,
tempera a alma de ferro, a estranha.

Não sabe como aconteceu,
como se desfez o homem,
e da face terna nascesse a rija face,
e da alma ingênua, outra sorte.

Acaso? Destino? Diz o coro assassino:
“morre o homem, nasce o mito”.
O mito vinga e desfigura o homem,
a fisionomia a princípio, depois o sumo.

O novo rosto exhibe a cirurgia,
e resta-lhe guardar à condóida chave
toda a pureza do amor num halo à parte.

O que desconhecem deste amor?
Se enobrece quanto mais o deteriora o mito.

Debaixo da corola e do estigma
da lendária mitologia
respira a alma de água das nascentes,
a tez criança,
o plangente rebento da manhã.

Na disposição irreversível, o mito impera;
o homem espera o que jamais terá:
novamente rosto, uma pele própria,
a alma quieta.

Pagará sempre por ato insólito na história.
Diferencia e lhe cunha a época!
Diferencia e lhe cunha o mundo!

Traduz-se desejo de todos: mito.
Pomo social onde se nutre a turba,
artesã do sulco da veneração, via punhal.

Dizem: é preciso cunhar a definição para sempre.
O escolhido sem escolher
é de se matar sem extinguir.
Mito: imagem desfeita no espelho
pela face singela que se foi.

Meu nome

Construí um nome
para o risco de um dia destruí-lo
e de novo erguer o seu sentido.

As atitudes me impelem,
ora à tragédia, ora à glória
e a única certeza é que deve ser desmedido o pendor,
veloz a trilha.

Quando acalentar o teu ser,
seja tudo ou nada,
escreva com a tinta da essência
o caminho que escolho ou não escolho.

Assim tenho me visto:
esquivo ao ser definitivo,
adoro inventar e nem ver.

Enquanto os signos tudo denominam,
meu nome, sem palavras, eu sinto.

Musa difícil

Encho páginas tentando te descrever,
quicá te entender,
na malha das procuras não estás.
Estás na tua própria vida.
Agora, quem sabe onde?
Quem sabe onde andarás tua própria vida?
Esmero-me na tentativa
de te exprimir
no universo bidimensional do papel,
és completamente outra.
Me condenas por querer-te impecável
em meu discurso,
te insurges e foges das linhas que te esboçam.
Não queres prisão nas fibras do papel.
Queres vagar livre de paradigmas,
nunca diagramada, nunca formatada.
A materialização de meu pensamento
te vale a reclusão ao claustro.
Só te darás a mim na vida, que é dura
e rarefeita,
mas que é a alquimia que organizas.

Mutilação

Perdeste o braço
ao dar a mão
à imediata providência da paixão.
Tens os pés machucados,
semi-inválidos
de procurar pelo refino do amor
com a pureza que o queres.
Cansaço e deformação é a tua sina!

A mutilação não detém teu ímpeto
na busca do amor e da paixão.
O sonho de um mutilado
anda muitas terras.

Na fonte pretérita

Rendo-me à sua razão:
poeta não tem outra canção,
além das prementes dores
dos amores mortos.

Perversa a asserção que ela diz,
o atual é chafariz do remoto,
os tomos vagos são presenças
superiores a vigentes prendas.

Toda hora se veste
de prévias horas,
a expressão que se namora
eclode aqui, no ocaso que assola.

Pelo pecado ao qual me rendo,
onde a vida ao contrário
requer tal trajetória doida,
consinto êxito ao impulso

de viajar na versão que ela diz.
Eu, aprendiz do tempo,
sem saber por que me cerca o que se extingue,
rio o riso da esfinge.

No cristal da tarde

A tarde arranja cálido cristal.

O bálsamo da verdura unge
sinais da estrada vicinal.

Na rodovia principal,
vibram no estrado da caçamba
dúzia e meia de homens de trabalho
ferindo com alaridos e alumínio
o cartão postal que se faria sem eles.

Estranha nau vespertina trafega.
É sábado, fim de turno
na empresa de prestação de serviço
contratada para obras públicas.
Homens rumam para suas casas
assoviando e batucando,
mas silenciosos para o crucial
da verdade cotidiana,
o crucial dos lares cotidianos.

O quanto desiguais são?
Qual a sorte vária?
Apenas iguais nas penas?
Há felicidade em algum deles
ou só lágrimas implícitas no sangue?

O estrado da caçamba samba
sob uniformes cor de laranja.
O tobogã do vento
contamina a operária comuna.

A vida quiçá fosse melhor
noutro ponto cardeal do tempo,
noutro gomo meridiano.

Estão resignados,
gritam: Vitória! - Nome de mulher.
No estrado da caçamba voam,
mas não voam livres,
como se erguidos no ar.
Das asas ressequidas, feito nervuras,
rudes mãos se ramificam.

No tablado da noite

A noite é um tapete negro,
onde esgrimam a dor e a sensualidade,
e não há idade para a dor nem para o senso.

Quanto mais amor se reinventa,
mais se consente a luz
da chama onde se queimam corpo e alma
e não há calma na Estação Vênus.

A noite é um tabuleiro de jogos, é azar,
ou quiçá, a sorte em contrapartida venha
na seda onde se retêm
álcool, tabaco e promessas.

Está para doer os pares anacolutos
que se despem das alianças
para terem dedos lisos
a sustentar o cálice do vazio,

enquanto os amores que fluem pelas mãos
em inédita trança,
são laço e permissão,
e celebram a vez do indissolúvel.

Noite metropolitana

Há uma urgência em cada peito
e um consternado
exercício de impossibilidades.

Notívago

Animal da noite,
essencialmente noturno.
De ver e ouvir a noite,
perambulando
em solilóquio pela rua.
Irmão da noite.
Nela se embriaga,
visão trêmula e passos vagos.
Os bares são o seu confessionário
de inconsequências sonhadas.
O beijo não dado
traz a vida de joelhos.
Chora sob a noite urbana.

Busca corpo a corpo um rosto
que tenha paciência para o seu.

Num espelho árcade

Aqui todos os sons se calam e o silêncio é gene
à melodia da alma no poente morto a céu de giz.
Como letal beleza projetada em tênue angústia
me atravessa com facilidade as camadas do ser.

Nada move além das folhas espirais, da galharia
largadas à baía mansa onde morrem as águas.
Por que tanto brincas de me bater com tua vida
arrancando algo meu e algemando nossas almas?

Ah, mas mesmo algum canto liberto, pão e vinho
aos sentimentos represados, tardaria em explicar
como vem crescer aos olhos um amor verde ainda.

Já, antes, em nós havíamos inscrito testemunho,
e tanto sabemos da dor e risco de invadir-nos.
Ainda assim insistimos em rimar vazios desiguais.

O amor e sua arquitetura

Vem,
com o néctar da uva e do amor
para ungir a textura da pele.

Nossos corpos de ar já estão se amando
- em véu imaginado -
estão a nossa espera.

O ato denso do amor prepara o seu derrame.

Vamos
com nossa carne
prover de peso e cor nossos corpos de ar,

desatando os contornos invisíveis
com os púbis de sangue.

O argumento

Gaia revelou suas queixas,
tatuada a minha cicatriz e a sua
no seio de setembro.

Falamos de matas incendiadas,
de turvos mananciais,
de homens ardendo em alma ruim,
justo eles, sua obra mais laboriosa.

Mesmo ressentida ela se abre,
em resposta à má ventura,
reconstrói
no seio de setembro
a rosa não mais esperada.

O ciclo do sonho

A madeira ao fogo extingue as ilusões
que viveu a seiva,
e não são poucas ilusões
as que dormem na maciez da cinza.

Contudo a aurora traz sempre um vento novo,
soprando as flanelas apagadas
no sentido azul.
Erguida para o alto,
a cinza reacende
ao raio solar que nela se projeta.

O novo tecido de flamas,
suspenso no ar iluminado,
logo resguarda um diadema
sobre a semente do sonho.

O conteúdo humano

Pergunto pelo conteúdo humano,
néctar sublime e raro.

Anúncios comerciais dizem que saiu de moda.

Tudo se faz invólucro,
embora a carapaça humana
esconda o palpitar de um ser
que quer contato e íntima visão.

A menina que escutava o violão largou um míssil
desnecessário,
apenas se cantava à felicidade.

Se eu fosse crente diria:
uma falha no roteiro de Deus,
mas Deus é apenas personagem.

Todas as loucuras que eu pense
são poucas
frente ao conteúdo humano.

Vemo-nos face a este enigma frenético,
tropel de patas amoladas,
e precisamos vomitar alguma sugestão
que adormeça os questionários.

Persival, o sentado à mesa à esquerda
assovia temas esquisitos,
impõe códigos que não se entende bem,
e vai em frente com a sua dor transmitida.

Eu, perplexo, entre as coisas entendo
tudo cada vez menos ainda
e me ponho a tecer incompreensões,
enquanto os rios do mundo correm
levando minha corrente de pensar.

Francisca reclama do marido,
pela décima vez não suporta
o terceiro amante,
e se vai, achando que os dogmas
são uma fusão de intrigas.

Eu me carregando aos solavancos e pensando:
conteúdo humano, néctar sublime e raro.
Talvez de muitas palhas paliativas
se faça um tapete perene.

Santiago acha que não sabe amar, mas esquece.
Sílvia leu Drummond e não sabe se é virgem.
Em sombras nuas, a nudez se esconde.
Roupas dançam free-jazz.
Somos formigas carregando o amálgama
que nos carapaça.

Então, quando as cachoeiras se abrirão
para que Persival não sofra,
e Francisca ame,
e a menina se torne imbele,
e Deus se aposente,
e eu possa saber o conteúdo humano?

Reverencio o espírito de Carlos
que vem descendo as ladeiras
de Itabira para me auxiliar.
Foi um caçador feroz
e sabe o final de cor.

Eu que nem sei o final,
pergunto pelo conteúdo humano,
néctar sublime e raro.

Nara ruim, Iara compulsiva, Ester maquinal,
Marcos cibernético, Plácido benevolente, Tônia sensível,
José e Maria por aí a fora,
todos um poema circular.

Todos se abscondendo, ocultando-se,
desertando-se, abandonando-se, fugindo,
enterrados feito tatuíras,
espalhando a baba endurecida das carapaças.

As imagens vão recrudescendo,
ganhando a textura da rocha
em grutas e campas impressionantes
para que eu desista
e o ser cultue as formas calcinadas,
só que por baixo das estalactites
por cima das estalagmites calcárias
- espanto isento de resposta -
surge o conteúdo humano,
inencível feito um peixe invertebrado
que atravessou os dentes do sargaço,
e a urze inorgânica dos abrolhos.

O fio da vida

O ancião enche de água os olhos
ao contemplar pela primeira vez
os olhos do filho de sua filha.
Que espelho lhe propõe o tempo!

Desgastado de muitas arenas,
puído de jornadas,
prende em suas mãos o fio da vida
que gerara.

Após cansaços, quase sem a própria vida
nas mãos, suspender por elas o futuro,
abre uma vela no fundo do mar dos olhos,
a emergir logo na planície em maresia.

Por instantes, deixa sua ermida interior
e lhe vem a enorme compreensão
de ser um elo nas gerações,
a barca que sustenta o depois.

De sua áspera face, pinga uma lágrima
sobre a cútis delicada da vida
que ele, imortal,
ergue singrando tempo e espaço.

O poema ao vento

Até porque faço poemas ao instinto,
sentimos, eu e eles,
esta vontade louca de dançar
ao ritmo dos gonzos musculares.

Nada tramita regular,
beijos voam céleres
no arrebol algures,
na construção platinada das manhãs.

Até porque é natural o instinto,
faço o que devia,
sem desapontar o Poeta,
que, passado a limpo, mais vezes erraria.

O poema ao vento é uma pluma-roseta,
endoidece os nortes da razão:
em mil mortes de um incrédulo poeta,
revive a crença cega na paixão.

O poeta e seu ofício

É teu o grito interior no ringir da tarde.
És tu quem se alija do mundo e seus halos
em troca da luz artificial na escrivadinha.
Que mente doidivanas é esta
a pinçar coisas do nada?
Que furor introspectivo o debruçado à mesa?
De quem a face esconsa
que se debate contra a tarde?
São argumentos teus, poeta.
É tua a face anômala, apartada das demais
que correm, com alarde,
para o pomo das oferendas vesperais.
Renuncias ao realejo das veredas
aos aromas, aos tons, para te perderes
em versos insistentes.
Optas por sonhar a paisagem.
Não logras conter o derrame intimista.
Nem ao menos te perguntas: quem quer saber
de íntimas hemorragias
na deliciosa tarde de apelos exteriores?

O tempo certo

Não apresses o tempo
com o afã de chegares
a qualquer lugar.

O tempo não aceita
violentos precipícios
sem perdas em ti.

Por que desprenderes
confusos degradês
da tua pessoa?

É preciso que contigo
sempre estejas.

Caminha com zelo,
mas sem exagero na demora:

a lentidão na estrada
descobre caminhos laterais
de incerteza
pelos quais abandonas
teu vulto que segue.

Palavras

Há rota nas palavras
propaladas na cafeteria,
na roda de conversa,
até no amor.

Que rota senão cinzas
no baú do esquecimento?

Fumam-se
um nada após cumprida a débil flama
de seu curso maquinal.

Algumas restam
- hemorragia no silêncio -
à têmpera da verdade perpetuam-se.

Paradoxo

O exercício da liberdade tem um preço.
Não o preço de conquistá-la,
mas o preço de, ao tê-la conquistado,
suspender a busca.

De posse de todos os seus flancos,
resta ainda um vazio,
um ponto lacônico de evasão de forças.

Quanto mais livres,
mais nos ressentimos de uma baliza.

E nos damos à clausura
nas barras de uma cela imaginária.

Perder-te

Para Marília

Perder-te reflete o perder-me,
é ver-me a ti no espelho,
se me afasto, afastas, se precipito,
transpassas teu corpo pelo meu.

Perder-te é sufocar o delírio incestuoso
de nossas almas gêmeas,
desterrar metade de nós para o ultramar,
dando a outra apenas iodo e sal.

Perder-te, enfim, é não haver nascido
e levar, por toda a vida,
a herança do que foi vivido
e se torna perpétuo na luz desintegrada.

Poema à bailarina

O espaço é o santuário da bailarina,
ela planeja ocupá-lo
com o ato perfeito.

Pensa o movimento,
mede o arco espacial,
sensibiliza o campo livre
que espera
a resolução dos músculos tensos.

Põe alma,
agita o arabesco na fonte rítmica.
No espaço em branco
a sapatilha escreve
o tempo exato.

O corpo segue a alma,
a alma contorna o corpo,
ambos envolvem o gesto.
O estrado vago se dá à dança,
o coração circunvoluto se lança.

Poema natural

Da germinal paixão, antes, do destino
à palavra primeira, ao gesto, ao beijo,
se afigura o encontro,
e do mel ancestral nasce o corpo.

Do óvulo e do esperma enamorados (ou não),
parte a vital arquitetura,
que explode em células plasmáticas
e se eleva à seda da cútis.

Corpo - diz a nervura animal
da espinha e dos sentidos,
e - lábio - dirão suas velas de ultramar.
O corpo nasce e recebe o mundo,

e cresce à medida que o mundo se dilui
no intelecto soberano.
Quando a carne sente a língua universal,
apronta a alma, satélite do corpo.

Poema para os revolucionários

O pensamento contrastando, no entanto,
é silêncio e forma plácida
a figura que social se desenha.
No cérebro em distensão,

a revolução nasce, e é caprichosamente
calma no invólucro,
sociável na face ordinária, compasso
ritmado nas pernas em unísono.

Destoa por dentro a mente contrária
ao cordão que esgoela
e preme a liberdade, nascida com o homem,
destino antes dele.

Ecoa no centro a semente sumária
que o cravo arbitrário vela,
à mortíça luz do albúmen
torturado, teimosa aquarela resiste a ele.

O pensamento contrastando, para tanto,
é seio da revolução.
Nome por nome, na linha do rosto
a independência sim, o servilismo não.

Presença

Sonhei com tua vida e deitei nos braços
dos movimentos que sonhas.

Os movimentos sonhados chamam do fundo
do túnel do tempo.

Quando nos separamos
cada um levou metade da palavra
companhia.

Agora, anéis quebrados, traremos filhos
herdeiros dos que não tivemos.

Sonhamos no meio da noite
atendendo à estranha convocação:
a ceia dos ausentes,
nossa casa de linhas que não existem.

Conforta-me saber que ainda existes,
e andas por aí,
e levas aqueles dias e noites
escritos no vale da lua nova.

O que é bom se eterniza.

Até já, pretérito:
a lembrança cai sobre o sono
igual à gota
que vazou o peso do seu repouso.

Quando

Quando
o sonho
de perfeição for esquecido, advirá
a realidade
perfeita.

Enquanto
a realidade
perdurar admirando-se perfeita,
o sonho
aguardará nascer.

Rebeldia

Meu poema é rebeldia.
Ainda que eu aspire a induzi-lo
a diretrizes,
doidivas, ignora dedos em riste.
Rechaça investidas,
amotina-se numa cidadela em mim,
uma caixa-preta
sustendo meus registros de voo.

Tento protegê-lo,
dar-lhe austeridade,
contanto que me siga:

contumaz,
declina-se à sarjeta dos porres.

Sou-lhe tinta e papel,
e ele a cada traço me descreve
enquanto escreve o que deseja.

Resquício

Há um curso reticente
em tudo o que se estanca
de forma impositiva,
um voto de sequência.
Se calares uma ideia
ela seguirá, revel,
tão sutil, que a perceberás
sussurrando tua passada.
Se julgas possível deter
o curso natural do desejo
- repara as palavras entreditas -
o tempo mostrará o engano.

Revés

A gengiva machucada pela mordida
oferta o sangue da violência à vítima,
e os dentes ficam
com um rubor inseguro no seu cromo.

A mão algoz que apunhala,
crava punhais no espelho;
a voz reservada ao mal
é revés de um bumerangue de aço e culpas.

O estampido em eco no coração do matador
projeta bala em desalinho ao alvo,
que, de exígua,
é atravessada pelas faces da miragem.

Sacramento

Nosso sacramento não se deu em paróquia,
tenda ou mesquita:
deu-se no vento que venta a colina.
Benzidos de sol púbere,

na manhã que a névoa crisma,
acordando renques de santa-fé,
crescemos de um juramento em cruz:
amar o quanto há de amor no ar,

até na mais espessa forma, o amor
evocar livre, tão livre que se prenda
às correntes de ar dos adros sem capela,
sem muros de doutrina.

Mesmo sem fé caminhamos pela colina,
de mãos dadas nos ungimos:
batismo, comunhão e vã extrema-unção.
Amor a dois, ateu, sem Deus e sem adeus.

Sacrifício

Se na odisséia dos meus versos
um ao menos escapar
da linha de execução,
se ao menos um salvar-se do patíbulo
fulminante, basta.
Terão os demais morrido em seu nome,
sacrificado substância
e o clamor da gênese
num ato solidário.
Protegerão com dedos trançados
a chama do verso que persiste.

Se o mundo é um novelo

Se o mundo é um novelo
que se desenrola
para longe de ti,
deixa, ao menos,
uma linha para segui-lo.

Podes puxar o fio pendente
e avisar
que estás no outro extremo
com força impositiva.

A ele, assim, te equiparas
para o fim de seus arrogantes
enigmas.

Sentença

O poema concluído,
condenado às fibras do papel,
na prisão do estêncil terá a morte?
Que destino é o seu
quando se despede do poeta?

Seu porvir
são membros impotentes
e asas vãs?
Será servido à mesa
qual granalhas de fogo estanque?

Não mais cingirá
arabescos da imaginação,
nem se moverá
por pérgulas cerebrais,
sendas venosas,
impresso,
transfigurado em lápide?

Ora,
esta morte é sacrifício de paixão!
Para que o poema se realme,
para que reacenda,
para que perdure
em quem o liberte em si.

Todas as nuvens

O mosquito se deixa seduzir
por afluxos de veias,
cingindo o pé,

qual ao sedento,
alucina a ribeira,

disseste da altura
de quem já havia tomado todas
as nuvens.

Hoje chove e lembro da água em teus seios,
instintivo,
habitual,
mesmo que nossa história não mereça um átomo
de oxigênio
sequer,

embora,
justiça feita,
em versos extravase.

Um delírio campestre

O cetim das folhas me trouxe teu beijo
de dentro da imaginação de uma imagem,
percurso longo
que inteiro gastou teu batom.

Chegaste sensível ao lábio
colando luas com látex
no acorde de uma hora cognata ao coração,
ainda que chegasses toda imaginada.

O verde vime das folhas
dentro da íris também verde
dos meus olhos,
de onde o que se perde,
vira vidro ou asa de cisne,
pedia o verniz do verde
para leite dos corpos reais,
mas vieste numa imagem delirada.

Um fogo-fátuo

Um fogo-fátuo em teus olhos
ilumina o ar que o alimenta.

Não se sustenta
para o exame das mazelas
à frente dos teus passos.

Não vê o cadafalso e toca o estrado em balé.
E dança, e dobra ao centro, e ergue o espanto
e, para a estética, sustenta o brilho.

Embora o cadafalso exista,
o desconhece, e por isso é feliz.

Usa tua voz

Usa tua voz
ainda que trêmula,
ainda que anêmica,
ainda que anômala.

Usa tua voz
ainda que pávida,
ainda que trôpega,
ainda que lúgubre.

Usa tua voz
ainda que frágil,
ainda que fácil,
ainda que instável.

Usa tua voz
ainda que fendida,
ainda que ferida,
ainda que exaurida.

Usa tua voz
ainda que torcida,
ainda que premida,
ainda que vencida.

Usa tua voz
ainda que torta,
ainda que natimorta,
ainda que a quem não importa.

Usa tua voz
ainda que louca,
ainda que frouxa,
ainda que ainda seja pouca.

Usa tua voz.

Valha-me a luz da insolência

Valha-me a luz da insolência
para que eu intervenha onde tardo.
Onde dorme, sedado
meu punho contestador.
Valha-me, no átrio
onde pretendem matar-me pelas costas.
Onde fruem vozes que pontuam tramas.
Onde sorri o poderoso arдил
e Maquiavel providencia seu paiol.

Viajei a um lugar distante

Viajei a um lugar distante
com tudo o que tinha de bagagem:
alma e coração.

Era tão longe, que perdi
até a inocência.

Quando cheguei ao lugar,
de longo destino,
o reconheci:
eu era a paisagem e tudo o que
lá havia.
Aliás, eu era a viagem.

Dentro de um ramo de flores
estava um bilhete de perdão.



27 anos de Alcance
Prêmio Jabuti

Rua Bororó, 5 - CEP 91.900-540 - Vila Assunção - Porto Alegre/RS

Fones: (51) 3346.5001 / Tim: 8233.7038 / Oi: 8437.9936

Claro: 9466.2858 / Vivo: 9616.9224

www.editoraalcance.com.br - atendimentoalcance@gmail.com